

Rap nas escolas: perspectivas e possibilidades a partir da Batalha do Feira VI

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC

SIMPÓSIO: ST5- MÚSICA E PENSAMENTO AFRODIÁSPORICO

Vanessa da Silva Batista
Universidade Estadual de Feira de Santana
vanessasilva2b@gmail.com

Luan Sodré de Souza
Universidade Estadual de Feira de Santana
lssouza@uefs.br

Resumo.

Este texto trata-se do recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica em andamento. Tem como finalidade investigar os processos que envolvem a Batalha do Feira VI, que é um evento de Hip Hop que acontece periodicamente na praça do bairro Feira VI, na cidade de Feira de Santana. A partir da análise das vivências e problemáticas relacionadas a este contexto, sobretudo com foco na experiência da Batalha enquanto uma prática musical afrodiáspórica, no contexto de Feira de Santana, produtora e difusora de conhecimentos músico-pedagógicos e identitários, vem sendo produzido um documentário audiovisual. Toda análise fomentará a investigação a fim de apresentar perspectivas e possibilidades de trabalho músico-pedagógico. Sabendo da influência da colonialidade do saber nos processos institucionalizados de formação musical, quase sempre orientados por padrões europeus de pensamento musical que constituem as escolhas metodológicas, de conteúdo e de repertório trabalhado em sala de aula, o rap, assim como toda a cultura Hip Hop, apresenta-se como um campo potencial de possibilidades decoloniais e/ou contracoloniais para pensar a formação institucionalizada em música. Os processos investigativos têm como base a pesquisa etnográfica, que se deu a partir da inserção nas atividades da batalha do Feira VI e em entrevistas cedidas pelos organizadores do evento. A escolha da etnografia está ligada ao foco principal da pesquisa, que é conhecer uma realidade particular em sua profundidade. Neste texto apresentarei uma problematização com base na minha revisão de literatura com o objetivo de fomentar a inclusão desta prática musical nas perspectivas músico-pedagógicas contemporâneas.

Palavras-chave. Rap nas escolas, Hip hop em Feira de Santana, Educação Musical Afrodiáspórica.

Title. Rap in schools: perspectives and possibilities from the battle of Feira VI

Abstract This text is part of an ongoing Scientific Initiation research project. Its purpose is to investigate the processes surrounding the Batalha do Feira VI, which is a Hip Hop event that takes place periodically in the square of the Feira VI neighborhood, in the city of Feira de Santana. Based on an analysis of the

experiences and problems related to this context, especially with a focus on the experience of the Batalha as an Afro-diasporic musical practice, in the context of Feira de Santana, which produces and disseminates musical-pedagogical and identity knowledge, an audiovisual documentary is being produced. All this analysis will fuel the investigation in order to present perspectives and possibilities for music-pedagogical work. Aware of the influence of the coloniality of knowledge on institutionalized music education processes, which are almost always guided by European standards of musical thought that constitute the methodological, content and repertoire choices made in the classroom, rap, as well as Hip Hop culture as a whole, presents itself as a potential field of decolonial and/or counter-colonial possibilities for thinking about institutionalized music education. The investigative processes are based on ethnographic research, which was carried out by taking part in the activities of the Feira VI battle and in interviews provided by the event's organizers. The choice of ethnography is linked to the main focus of the research, which is to get to know a particular reality in depth. In this text I will present a problematization based on my literature review with the aim of encouraging the inclusion of this musical practice in contemporary music-pedagogical perspectives.

Keywords. Rap in schools, Hip hop in Feira de Santana, Afrodiasporic Music Education.

Introdução

O presente trabalho trata-se de um recorte de uma pesquisa de iniciação científica em andamento, que ao mesmo tempo compõe o meu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música na Universidade Estadual de Feira de Santana. As motivações para desenvolver o atual trabalho tem origem numa experiência anterior, que tive no “Slam do mangue”, batalha de rap e poesias vivenciada no IFBA- *campus* Valença, desenvolvido pelo professor de história Erahsto Felício juntamente com os alunos, tendo como base a batalha do Slam Resistência que acontece em São Paulo, contexto de pessoas negras, periféricas que falam através de declamações nas rimas.

A palavra é uma onomatopeia utilizada no inglês pra representar algo como um bater de palmas, e é o nome dado as batalhas de poesia que se espalham Brasil (e mundo) adentro. Adentro e abaixo, já que é nas periferias do hemisfério sul do mundo que essa ferramenta-comunidade-ação mais tem ganhado espaço. Slam (ou *Poetry Slams*) são batalhas de poesia falada que surgiram nos anos 1980 nos Estados Unidos. Muitos chamam de “esporte da poesia falada” e, como aparece no documentário recém-lançado Slam: Voz de Levante, o responsável por organizar o primeiro Slam, Marc Kelly Smith, alega que resolveu utilizar da lógica da competição como forma de chamar atenção para o texto e performance dos poetas (LUZ, 2019, s/p).

Neste trabalho venho estudando a cena do Hip Hop na cidade de Feira de Santana por meio da Batalha do Feira VI e neste texto apresentarei parte da minha revisão de literatura. A batalha acontece no bairro Feira VI na cidade de Feira de Santana. Esta atividade consiste em uma batalha de rima, onde um rap é improvisado, contendo discursos críticos e reflexões embasadas em vivências experienciadas pelos *rappers*. As batalhas de rima em sua maioria têm teor crítico, irônico, porém todas elas contam uma história que está enraizada nas experiências de mundo dos batalhadores de rap. As temáticas da batalha geralmente giram em torno do racismo, marginalidade, política, diáspora africana, feminismo, entre outros. Vale ressaltar que para ser uma rima espontânea é necessário ter um domínio com as palavras tornando as rimas mais ricas.

O confronto acontece entre duas pessoas, majoritariamente pessoas negras. Os MC's improvisam utilizando como base os *beat* que são tocados pelos DJ's, mantendo o "flow", que é o fluxo das rimas que diz respeito à fluidez das palavras. A partir da batalha, é possível analisar de perto como se dá a vivência e a construção dessa prática musical afrodiaspórica, que por sua vez reflete a vida das pessoas que constroem esse ambiente.

O hip-hop é um movimento fundamental para a criação do rap, que é um gênero complexo, tendo influência do soul, do jazz e do funk, que por sua vez, também trazem influências de diversos outros gêneros. O rap é uma potente ferramenta de compreensão cultural, crítica, social e musical. Dessa maneira, é fundamental o desenvolvimento de pesquisas, que se debrucem sobre as especificidades desse gênero.

Sabendo da influência da colonialidade do saber (bell hooks, 2017, BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2018, SODRÉ DE SOUZA, 2019, 2020, 2021, 2022) nos processos institucionalizados de formação musical, quase sempre orientados por padrões europeus de pensamento musical que constituem as escolhas metodológicas, de conteúdo e de repertório trabalhado em sala de aula, o rap, assim como toda a cultura Hip Hop, apresenta-se como um campo potencial de possibilidades decoloniais e/ou contracoloniais para pensar a formação institucionalizada em música. Partindo da premissa de que o rap pode ser entendido como instrumento de compreensão cultural, crítica e social por meio da música, poderia inferir que por si só o Rap já carrega na sua compreensão conceitual a perspectiva de uma educação musical, de uma formação humana e cidadã oportunizada através das potencialidades do fazer musical.

Dessa maneira, essa pesquisa visa investigar, de maneira mais específica, quais perspectivas e possibilidades o Hip Hop experienciado na Batalha do Feira VI pode apontar para os processos de formação musical, numa perspectiva decolonial e/ou contracolonial de se pensar a formação musical.

A música, enquanto instrumento de resistência, tem o potencial de problematizar questões socioculturais e políticas. A linguagem construída nas músicas do rap, através das suas letras, melodias e *beats*, nos proporciona refletir sobre os processos identitários e as dinâmicas de resistência e (re)existência das populações afrodiáspóricas. Os materiais e métodos utilizados na criação artístico-musical também têm muito a dizer sobre como esse gênero se constitui. Segundo Pitta (2019, p. 2), “Aspectos como a oralidade e o corpo como linguagem fizeram com que o movimento se expandisse para outros países e instigassem uma tomada de consciência daqueles que passaram a se reconhecer nesse espaço simbólico afrodiáspórico”. A formação do rap enquanto música vai se moldando pelos trajetos de resistência da diáspora negra, sendo a prática oral, a mais importante, e que dá início a toda construção do rap. De acordo com Macedo (2011, p. 267):

“(…) é imprescindível considerar a influência da tradição oral africana do *griots*, os contadores de histórias. António Contador e Emanuel Ferreira (1997) consideram que o *griot* deve ser estimado para além de influência, pois segundo os autores, a tradição pode ser considerada uma das origens do rap(…)” (MACEDO, 2011, p. 267).

Os contadores de histórias, griots, em busca de dar continuidade à sua cultura e desfechos históricos e sociais foram surgindo e tendo papel muito importante. Nessa perspectiva o rap faz o mesmo percurso mantendo um legado de resistência e luta, fazendo um intercâmbio de saberes, evidenciando que o rap está além da ideia de uma música marginalizada. Ao compreender tal evento, percebe-se que o rap está inteiramente envolvido com as artes: cada elemento disposto incentiva e impulsiona o povo periférico a entender a potência das suas vozes ao adentrar no meio musical e entendê-lo como ferramenta de expressão por meio da música. Nessa perspectiva, à luz do pensamento de Franz Fanon (2008), ter voz, poder falar, é existir, é existir para o outro, e na perspectiva do Rap, é possível existir através da música. Sendo assim, o Rap, enquanto potencial músico-educativo, vai na contramão das narrativas de invisibilização de referências musicais afrodiáspóricas no campo da educação musical institucionalizada. Segundo Fanon (2008, p.33),

Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos

elementos de compreensão da dimensão para-o- outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro. (Fanon 2008, p.33)

Para entendermos a pertinência destes pensamento de Fanon nessa discussão é fundamental elaborarmos que também “falamos” e “existimos” através da música, como depende Luan Sodré(2019). Refletindo à luz do pensamento de Fanon(2008), Luan Sodré diz que “se é negada a possibilidade de fazermos a nossa música, de falar musicalmente, também é negada a nossa possibilidade de existir culturalmente”(SODRE DE SOUZA, 2019, p.79).

A música afrodiaspórica é um instrumento de resistência, tendo como um dos papéis principais a afirmação de uma trajetória de resistência através da linguagem musical, é um espaço de existência. Contar a própria história é um ato de resistência e poder. Em “O perigo de uma história única (2019)”, Chimamanda Adichie afirma que:

As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” (ADICHIE, 2019, pág. 16)

E é através da oralidade que destaca-se a importância da inserção dos movimentos culturais incluídos tanto na educação quanto nos livros didáticos, e nesse caso, o rap é um dos gêneros mais conhecidos pelos jovens atuais, em especial jovens periféricos, e é o gênero que menos aparece introduzido nos livros e nos debates em sala. Potencializar esse diálogo dentro dos muros não só aguça a criticidade dos alunos, quanto enriquece e abrange o aprendizado do rap de maneira prática e coesa. Deixar que esse povo conte sua própria história é um ato de resistência e poder.

Rap nas escolas

Djenane Silva (2018), em sua dissertação, investiga os processos de aprendizagem e ensino da música no contexto da cultura do Hip Hop, bem como analisa as práticas docentes no componente Artes a fim de entender como os docentes trabalham com as culturas afrobrasileiras em suas aulas, numa perspectiva de ensino decolonial. No primeiro capítulo de sua dissertação, a autora explica como se deu a relação dela com o Hip Hop, o que ocasionou a quebra de uma ideia formada em um pré-julgamento do movimento em questão, que serviu para uma reconstrução pessoal e identitária. Após desconstruir os seus preconceitos, ela se debruça sobre

a pesquisa desse movimento. O hip hop é um movimento cultural que está além das práticas de rua e Djenane só descobre isso indo à prática.

O ato de educar está nas marcas que o docente deixa no aluno, e reconhecer o hip hop enquanto prática educacional é de extrema importância, pois o movimento e a educação auxiliam na construção identitária afrodiáspórica do aluno, proporcionando discussões étnico-raciais, entre outras possibilidades. A partir disso, o olhar de Djenane sobre alguns pontos foram cruciais, como analisar o contexto do rap e os processos de ensino possibilitados por ele. Outro ponto importante foi a sua ação de ir a campo para discutir com os participantes do movimento para que contribuíssem com as discussões sobre racismo estrutural, misoginia, negritude e mídia, tal como, a análise das oficinas de MC e DJ da casa do Hip Hop de Diadema em São Paulo.

Djenane ressalta sua preocupação quanto a insuficiência de escritos acadêmicos que relacionam a educação musical ao movimento do hip hop, assim como a falta de trabalhos que promovam uma discussão de desconstrução do saber, e ousar dizer que essa realidade se faz presente até hoje. Ao se deparar com essas questões, ela vai em busca de referenciais que contribuam com sua linha de pesquisa relacionando com as suas descobertas da ida ao campo de pesquisa. Por fim, as ações pedagógicas que contemplarão as comunidades e a luta a favor da liberdade por trás do trabalho de Djenane potencializará um diálogo que não só aguça a criticidade dos alunos, quanto enriquece e abrange o aprendizado de maneira prática e coesa. É significativo para esses jovens construir sua identidade cultural e reforçar sua negritude, ciente de que as bases dos rappers são construídas de suas próprias narrativas.

Em outra direção, mas na mesma perspectiva, Souza (2004) discute a música como um fator social, debatendo que a música não pode ser usada se não reflete seu contexto sociocultural. No seu pensamento, ela propõe-se a contribuir com a compreensão das diferentes práticas musicais de estudantes dentro e fora dos muros da escola. A autora ressalta o problema da música “ainda aparecer como um objeto que pode ser tratado descontextualizado de sua produção sociocultural” (SOUZA, 2004, p. 02). Ela acredita que pensar na música dentro desse meio social é uma forma de abranger as diferentes práticas musicais de grupos étnico-raciais ou em grupos de jovens.

A autora encara a música como um fator social, “isso porque as preferências musicais dos adolescentes estariam ligadas a gêneros musicais que possuem significado relacionado a liberdade de expressão[...]” (GREEN, 1987, p. 100 apud SOUZA, 2004, p.08), a música tem o

poder de fazer o indivíduo desenvolver capacidades emocionais, críticas, afetivas, e todos esses aspectos irão contribuir para a construção das próprias narrativas dos alunos. Dessa forma, Souza, desafia os professores a organizar um pensamento que dialogue entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem e conhecimentos musicais.

Rocha (2020), vem apontar as vantagens que facilitam a inclusão de práticas periféricas no contexto escolar enquanto mecanismo de ensino a partir do Hip Hop, tendo como fonte de pesquisa a batalha de rap que acontece na Praça da Guilherme da Silveira, em Bangu. Um dos objetivos da pesquisa é o olhar voltado não só para a batalha de rap como a releitura/visão de mundo, todavia, que essa contribuição fosse capaz de auxiliar nos assuntos de Sociologia.

A música em suas várias possibilidades têm uma contribuição muito grande na vida dos jovens que se dá pela construção e socialização desenvolvendo assim um senso de pertencimento. A troca de experiências nas rodas de rap formam uma visão de mundo de maneira que auxiliam na compreensão da realidade, trata o conhecimento como algo que está para além dos cenários educacionais, e descobrem educação através da linguagem corporal, artísticas e emocionais, além de outros fatores musicais como as rimas, como impor a voz, frases que se conectem, etc. Tudo isso afirma o quanto a oralidade e esses ensinamentos que são passados de geração em geração mantém viva uma tradição de muita luta, fortalecendo uma educação não-formal que traça uma estratégia de ensino pautada na educação antirracista.

Ao falar sobre educação não-formal, Rocha considera a educação inerente ao hip hop de duas formas: “uma educação "em si", que foi construída historicamente pelo próprio movimento hip hop; e a educação que produz em relação ao âmbito escolar.”(ROCHA, 2020, pág. 18), a educação não é um movimento que se restringe apenas às escolas, a inserção da batalha de rap nesse cenário vem como algo a contribuir para uma educação política, crítica, que defende marcadores sociais, de classes, na qual o docente será capaz de inserir discussões sobre questões étnico-raciais e acrescentar na construção da identidade cultural em sala de aula, sobretudo com os jovens.

A partir da batalha do Feira VI pude observar e analisar de perto como se dá a vivência das pessoas naquele ambiente que é uma "aula de vida". Sendo mulher negra e quilombola, reconheço que o sistema silencia vozes que são colocadas num local de subalternidade ditadas pelo privilégio branco. Dessa maneira, é crucial o poder de fala, o poder de existir, e na perspectiva do Rap, é possível existir através da música. O cenário educacional por sua vez,

tem a responsabilidade de empregar uma educação pautada na liberdade, e de acordo com bell hooks, (2017, p.25) “a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”. Dessa forma, para que haja essa liberdade é necessário investigar outras formas de pensar o sistema pedagógico olhando para o rap como um potencial músico-educativo, como um movimento que já carrega na sua compreensão conceitual a perspectiva de uma educação musical, de uma formação humana oportunizada através das potencialidades do fazer musical.

Outro texto consultado foi o intitulado “*Compor e gravar um Rap em sala de aula: uma sequência de atividades*”, que trata-se de um relato de experiência do trabalho de construir uma música de rap em sala de aula com alunos do nono ano do Ensino Fundamental II. Melo (2018), elabora essa proposta com o intuito de levar para dentro da sala de aula músicas que estão dentro do cotidiano dos seus alunos, tornando essas músicas um estímulo de criticidade e reflexão. Para o autor, o processo de criação se dá em seis etapas, desde os passos iniciais em exploração de aspectos históricos do Rap, percepção rítmica, uso de provérbios, escritas, até o processo criativo na construção de frases com rimas, gravação em coral, todo processo de edição e divulgação.

O autor propõe-se a pensar na importância da utilização das músicas do cotidiano desses jovens e como elas contribuem em sala de aula. A música que está “fora de escola” discorre sobre um processo identitário individual que levado para o cenário escolar passa a ser um processo de reconhecimento dos seus e um realce à autoestima.

Penna (2006), destaca que:

[...] os projetos educativos extra-escolares, com finalidade social, têm mostrado a validade, no ensino das artes, das funções contextualistas – tais como o desenvolvimento da autoestima, da autonomia, da capacidade de simbolizar, analisar, avaliar e fazer julgamentos, além de um pensamento mais flexível. [...] Muitas vezes, tais projetos articulam essas funções contextualistas, voltadas para a formação global dos alunos, com o domínio do fazer artístico, inclusive como alternativa de profissionalização. (Penna, 2006, p. 37).

Sendo assim, é necessário pensar em como os processos metodológicos em educação musical são desenvolvidos, e para além disso, como eles refletem na criticidade dos discentes. Um fator crucial para esse pensamento é compreender de que forma o meio musical do aluno pode ser manuseado para que haja construção de uma consciência sobre si mesmo em relação com o mundo, a partir de suas próprias perspectivas, tendo o fazer artístico como um veículo

para isso. Melo (2018), relata que toda ação desenvolvida para a gravação do rap trouxeram resultados positivos, estimulando a aprendizagem. Despertar nesses jovens a consciência de classe, de pertencimento e reconhecimento da sua realidade, e sobretudo reconhecer-se em sua história. Nessa linha de pensamento, parafraseando Adichie: “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.” (ADICHIE, 2019, p. 22).

O rap da Batalha do Feira VI

Para estruturar a pesquisa, iniciei o trabalho com as vivências e socialização no contexto da batalha do Feira VI, para investigar como se dava a construção da mesma. Essa análise consistiu na investigação do fazer musical na batalha do Feira VI. A pesquisa foi conduzida através de uma perspectiva etnográfica, que se deu a partir da inserção nas atividades da batalha do Feira VI e entrevistas com os organizadores. A escolha da etnografia está ligada ao foco principal da pesquisa, que é conhecer uma realidade particular em sua profundidade, conforme Seeger (2008) defende em relação ao trabalho etnográfico em música. Além dos depoimentos de organizadores da batalha do Feira VI, também consideramos documentos disponíveis nas mídias sociais, gravações da Batalha disponíveis no youtube e gravações disponibilizadas pelos organizadores.

Foi estabelecido um mapeamento para saber quem são os organizadores e quais se encontram na batalha, como se reconhecem nesse cenário, suas vivências e como todos esses aspectos se relacionam com a construção identitária da Batalha. Segundo Iriart (2017), "as abordagens sociais promovidas pelas linguagens do hip hop, como as questões étnico-raciais e a reflexão política/social, gera novas formas de tomada de consciência e crítica social". A linguagem construída nas músicas do rap, através das suas letras, melodias e beats, nos proporciona refletir sobre os processos identitários e as dinâmicas de resistência e (re)existência das populações afrodiaspóricas.

A análise da batalha, de maneira geral, tem alta relevância, visto que favorece o mapeamento minucioso dos rappers que estão inseridos naquela cena, assim como também permite entender melhor como se constituiu esse espaço de formação musical. A batalha tem como um dos intuitos falar sobre liberdade, pertencimento, tendo como narrativa as suas próprias vivências, com várias manifestações artísticas. Dessa forma, Amaral e Carril (2015, p.12), reforça que “as populações que vivenciaram diferentes momentos na diáspora negra, [...]

têm demonstrado que a luta pelo reconhecimento de suas origens e cultura passa necessariamente pelo fortalecimento de suas identidades étnico-raciais”. Todo trabalho na batalha fortalece esse reconhecimento de lutas, uma vez que entendemos que o Rap foi e é uma construção que vem de uma concepção política e de muita resistência

A batalha do Feira VI funciona da seguinte forma: mic aberto, apresentação do grupo de rap Mer'eufóricos, original de Feira de Santana. Também pude registrar o grupo LBA com danças urbanas, um dos elementos que compõem o Hip Hop e também registrei as duplas batalhando. No momento atual, estão sendo desenvolvidas as transcrições dos áudios das entrevistas e dessa forma já deixando as cenas com minutagem específica para uma melhor seleção dos cortes para as gravações e a elaboração final do documentário.

Considerações finais

A partir da batalha do Feira VI foi possível observar e analisar de perto como se dá a vivência e a construção das identidades afrodiaspóricas das pessoas naquele lugar. Também foi possível levantar dados através das entrevistas do quanto o rap se faz presente na vida daquelas pessoas e como a educação está pautada nas batalhas de rima, principalmente para as pessoas que a organizam e o quanto destacam a importância daquele movimento cultural. Pude fazer registros e observações audiovisuais da batalha em si, gravando toda a batalha. Esses registros serão publicados em forma de documentário audiovisual como produto final da Pesquisa de Iniciação Científica.

Também foi elaborado um roteiro com perguntas para saber como se deu a construção da batalha, de onde surgiu, quais suas contribuições para a cultura de Feira de Santana, entre outras. Foram feitas entrevistas com alguns representantes da Batalha do Feira VI, a primeira entrevistada foi Lavínia Souza (Tulipa), cantora, e mestre de cerimônia da batalha, em seguida entrevistei Jeferson (Sinistro) um dos integrantes que está na organização da batalha desde o início, e por fim, um ex-integrante do grupo Glauciliano mais conhecido como Vulgo Gau, que executava o trabalho de designer. Outros resultados e discussões serão apresentados em forma audiovisual no documentário que está em produção.

Na análise das entrevistas notou-se que o rap está na construção da identidade sociopolítica e cultural dos entrevistados, porém, não é o único meio de trabalho deles. A busca por outro trabalho pressupõe-se que vem da privação das oportunidades e problemáticas raciais, e a partir daí surge a necessidade de criar suas próprias músicas e ter conhecimento de outras

áreas musicais, bem como, a necessidade de se firmar no seu lugar de pertencimento na sociedade. Para se tornar conhecido e criar um nome enquanto artistas, os três entrevistados demonstraram algo em comum: o codinome como uma espécie de marca. Os rappers/hip hoppers tendem a trabalhar muito com a imagem, fazendo com que o “codinome” vire uma referência que está inteiramente ligado a como esse indivíduo quer ser conhecido e como sua marca fica registrada por meio dele.

Vale ressaltar também que a presença da batalha no Feira VI movimentou âmbitos sociais, econômicos e culturais. A resposta disso, é como os três entrevistados trazem em sua fala como a batalha alcançou o público ao ponto de favorecer os estabelecimentos locais, e a visibilidade da mesma, consequentemente alcançando outros públicos da cidade.

Refletindo sobre todos esses aspectos, essa pesquisa, que mesmo ainda em processo de construção e em andamento, buscar contribuir com os esforços de construção de uma Educação Musical Afrodiaspórica, brasileira, decolonial e antirracista, alinhada com os conhecimentos locais. Também espera-se contribuir com a construção de uma ponte entre a formação musical desenvolvida na Batalha do Feira VI e no âmbito do curso de Licenciatura em Música da UEFS, de forma que isso se reflita na formação dos professores e consequentemente no contexto da Educação Básica. Em conclusão, é de extrema importância que a pesquisa em questão contribua significativamente com o levantamento de perspectivas e possibilidades para a formação musical a partir da cultura Hip Hop, do Rap e da Batalha do Feira VI.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do; CARRIL, Lourdes. **O Hip Hop e as diásporas africanas na modernidade**: uma discussão contemporânea sobre cultura e educação. ed. São Paulo: Alameda, 2015.

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2018.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

IRIART, M. *et al.* **Circuitos culturais juvenis em Feira de Santana, Bahia**: uma poética das margens. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017.

MACEDO, Iolanda. **O discurso musical rap**: expressão local de um fenômeno mundial e sua interface com a educação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campús de Cascavel-PR, 2010.

MELO, Bruno Torres Araujo de. **Compor e gravar um Rap em sala de aula**: uma sequência de atividades. Revista da Abem, Salvador, 2018.

PENNA, M. **Desafios para a educação musical**: ultrapassar oposições e promover o diálogo. Revista da Abem, Porto Alegre, n. 14, p. 35-43, mar. 2006.

PITTA, Alexandre Carvalho. **“Eu trouxe na alma a essência que eles busca no sample”**: A diáspora africana nos samples de Criolo e de Emicida. ENECULT: Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, Salvador, v. 15, Agosto 2019.

ROCHA, Renato Luiz dos Santos. **Rap e educação**: o rap como um tipo de educação informal antirracista. 2020. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)-Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020

SODRÉ DE SOUZA, L. **Educação musical afrodiaspórica**: uma proposta decolonial para o ensino acadêmico do violão a partir dos sambas do Recôncavo baiano. 2019. 248 fl. Tese (Doutorado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SODRÉ DE SOUZA, L. Educação musical afrodiaspórica: uma proposta decolonial a partir dos sambas do Recôncavo Baiano. Revista da Abem, v. 28, 2020, p. 249-266.

SODRÉ DE SOUZA, Luan; SANTOS, Marcos ; SANTOS, Valnei Souza . Experiências educacionais africanas na diáspora e experiências afrodiaspóricas na educação: diálogo de saberes desde as práticas culturais. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, v. 6, p. 1-20, 2021.

SANTOS, E.;SODRÉ DE SOUZA, L.; SANTOS, M. Música e Pensamento Afrodiaspórico. Série Pesquisa em Música no Brasil, vol.10. Salvador/Ba: Diálogos Insubmissos; ANPPOM; Coletivo Mwanamuziki, 2022.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. **Revista da Abem**, Porto Alegre, V. 10, 7-11, mar. 2004. Disponível em: <[musical e práticas sociais | Souza | REVISTA DA ABEM](#)>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SILVA, Djenane V. S. **“Uma fita de mil grau”**: o movimento hip hop na construção de identidades culturais e afrodiáspóricas. 155 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

XAVIER LUZ, Igor. O que é Slam? Poesia, educação e protesto. Profseducação, 2019. Disponível em: <<https://profseducacao.com.br/artigos/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/#:~:text=Slam!,a%C3%A7%C3%A3o%20mais%20tem%20ganhado%20espa%C3%A7o>>. Acesso em: 02 de ago. 2023.